



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"



WhatsApp: diálogos e atos de escrita na era digital.

Adriana Naomi Fukushima da Silva¹, Sônia de Oliveira Santos², Dagoberto Buim Arena³, Thariane Nayara Leite Soares⁴, Lilian Camila Rosa⁵. ¹Faculdade de Filosofia e Ciências- Campus de Marília, Universidade Estadual Paulista, Mestrado em Educação, dricanaomi@gmail.com; ²Faculdade de Filosofia e Ciências- Campus de Marília, Universidade Estadual Paulista, Doutorado em Educação, soniliver@hotmail.com; ³Faculdade de Filosofia e Ciências- Campus de Marília, Universidade Estadual Paulista, Departamento de Didática, dagobertobuim@gmail.com; ⁴Faculdade de Filosofia e Ciências- Campus de Marília, Universidade Estadual Paulista, Graduação em Pedagogia, tharianes@gmail.com, PROGRAD; ⁵Faculdade de Filosofia e Ciências- Campus de Marília, Universidade Estadual Paulista, Graduação em Pedagogia, lilian.camyla@hotmail.com, PROGRAD.

Eixo: Novas Tecnologias: Perspectivas e Desafios

Resumo

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa maior intitulada *Escrever e ler em telas* apoiada e financiada pela PROGRAD-Núcleo de Ensino/UNESP- Marília. O objetivo geral é o de oferecer a crianças a possibilidade de desenvolver o domínio da leitura e da escrita em telas, de modo geral, e por meio do uso de aplicativos em aparelhos digitais nômades, principalmente celulares. A pesquisa ocorre no período da manhã, uma vez na semana, com início às 9 horas, em uma ONG de assistência social e educação localizada em bairro periférico da zona oeste da cidade de Marília/SP. Conta com a participação do professor coordenador, duas graduandas do curso de pedagogia, uma mestranda, uma doutoranda, e quinze crianças com faixa etária entre 6 a 9 anos. Existem duas linhas de atuação: o desenvolvimento e a aquisição da língua escrita em processo discursivo, com o uso do teclado como ferramenta de nova forma inscrição em suportes como a tela, com o uso do aplicativo *WhatsApp*, e a aprendizagem do ato de ler como um ato cultural em sessões cinematográficas com filmes legendados. Diante disso, esse trabalho discute os dados gerados durante a escrita de mensagens instantâneas via *WhatsApp*. Com base nos dados gerados até o momento conclui-se que ao utilizar o aplicativo *WhatsApp* na troca de mensagens, as crianças mergulham no mundo da cultura escrita repleta de sentido e as escolhas dos enunciados e de todos os sinais gráficos ocorrem em situação real de interação verbal discursiva.

Palavras Chave: Educação, WhatsApp, atos de escrita.

Abstract:

This work is a fragment of a larger study entitled *Writing and reading on screens* supported and financed by PROGRAD-Core Teaching / UNESP Marília. The general objective is to offer students the opportunity to develop the field of reading and writing on screens, in general, and through the application of use in nomadic digital devices such as tablets and mobile phones. The research takes place in the morning, once a week, starting at 9 am, in a welfare NGOs and education located in the suburb of west of the city of Marília / SP. With the participation of the coordinator teacher, two graduation students of the pedagogy course, one graduate student, one doctoral student, and fifteen children aged between 6-9 years. There are two lines of actuation: the development and acquisition of written language in discursive process, with the keystroke as a new form registration tool on media like the screen, using the *WhatsApp* application, and the act of learning to read as a cultural act evolving in film sessions with subtitled films. Therefore, this paper discusses the data generated during the writing instant messaging via *WhatsApp*. Based on the data generated to date it is concluded that by using the *WhatsApp* application in messaging, children soak in the world of written culture full of meaning and choices of statements and all graphic signs happen in real situation of exchange discursive.

Keywords: Education, WhatsApp, acts of writing.

Introdução



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"

Realização:

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"

PROEX
PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Na era da mobilidade, os *smartphones* e aplicativos estão constantemente inserindo-se no cotidiano dos indivíduos. De acordo com Moura (2009, p. 50),

O telemóvel está a alterar as possibilidades e os aspectos práticos de muitos componentes da vida quotidiana. Está a mudar a natureza da comunicação, a afectar as identidades e as relações. Tem afectado também o desenvolvimento das estruturas sociais e as actividades económicas e está a ter uma influência considerável na percepção que os utilizadores têm sobre si próprios e do mundo.

Dessa maneira, os telefones celulares apresentam funções que vão além do ato de falar. É possível verificar uma diversidade de modelos e aplicativos que apresentam ferramentas que contribuem para as mais diferentes atividades dos seres humanos.

Um dos aplicativos em alta no contexto atual é o *WhatsApp*. Trata-se de um serviço de mensagens de celulares ou computadores pelo qual é possível que seus usuários interajam em diferentes ou nos mesmos espaços, dialogando e compartilhando informações, imagens, vídeos, áudios, e contatos. Além disso, o usuário tem a possibilidade de utilizar *emoticons* (ícone ilustrativos de uma expressão facial), entre outros ícones ilustrativos, e mensagens de voz que podem ser transcritas no momento que são ditas.

De acordo com Sharples (2009), esses dispositivos podem unir pessoas em tempo real e mundos virtuais de modo a permitir aprendizagens entre as pessoas. Assim, os aplicativos permitem novas perspectivas e desafios para sua utilização, nas mais diferentes áreas, de modo a contribuir para a aprendizagem.

Inseridas em um contexto de ampla utilização dos *smartphones*, as crianças não devem ser marginalizadas nesse processo. Com amplas contribuições, elas também podem utilizar dos aplicativos e se desenvolverem em diferentes áreas de conhecimento. No caso específico do *WhatsApp*, trata-se de um aplicativo de utilização da linguagem escrita.

Bakhtin (2003, p. 279) afirma que

A utilização da língua efetua-se em formas de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas, não só do seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da

língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais–, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional.

Será por meio dessa unidade de comunicação discursiva, oral ou escrita, que o sujeito se relacionará com o outro, ou seja, trocará diálogos. De acordo com o mesmo autor, no diálogo

[...] o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. (BAKHTIN, 2003, p.271),

Dessa forma, nessa relação com o outro e diante da linguagem viva, inseridas dentro de um contexto, o sujeito assume uma posição resultante de um processo de compreensão. Dentro dessa dinamicidade e na relação com as novas tecnologias, é possível ensinar os atos com a escrita sem que a criança escreva ou leia palavras isoladas, mas que possa analisar o contexto e atribuir sentido para compreender. Para se apropriar do discurso do outro, ela pode lançar mão de seus conhecimentos e realizar conexões para atribuir sentido ao escrito e elaborar uma réplica.

No *WhatsApp*, ao utilizar de enunciados escritos, a criança faz conexões e dialoga com o outro por meio de atos que não estão relacionados à transcrição da oralidade, tradicionalmente ensinada nas escolas, mas lida com palavras recheadas de sentido destinadas ao outro. Elas não compõem apenas orações isoladas, porque estão em um contexto enunciativo, que norteará a escrita do aluno, contribuindo para que reflita sobre o quê e como escreve, tendo em vista o outro. Trata-se de uma ação reflexiva, que é definida por Góes (2001, p. 101), “como aquela que é tomada como objeto de atenção pelo próprio sujeito. Trata-se não só de saber fazer, mas também de pensar sobre o que e como se faz”.

A expectativa é que o aplicativo contribua para o desenvolvimento destes atos nas crianças uma vez que não se trata de uma escrita sem sentido, mas de uma atividade que, na interação com o outro, são criados enunciados que esperam uma atitude responsiva do outro. Os dados da pesquisa em andamento apresentados nos próximos tópicos indicam a possibilidade desse processo.



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

Realização:

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"



"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"

Objetivos

Compreender as contribuições do aplicativo *WhatsApp* para o desenvolvimento dos atos de escrita

Material e Métodos

Os dados relatados neste trabalho fazem parte do projeto intitulado *Escrever e ler em telas* apoiado e financiado pela PROGRAD-Núcleo de Ensino/UNESP. Esse projeto tem por objetivo oferecer aos alunos da ONG de assistência social e educação a possibilidade de desenvolver o domínio da leitura e da escrita em telas, de modo geral, e por meio do uso de aplicativos em aparelhos digitais nômades, como tabletes e celulares. Existem duas linhas de atuação: o desenvolvimento e a aquisição da linguagem escrita em processo discursivo, com o uso do teclado como ferramenta para fazer inscrições em suportes como a tela, com o uso do aplicativo *WhatsApp*, e a aprendizagem do ato de ler como um ato cultural em sessões cinematográficas com filmes legendados. Para este trabalho serão analisados os dados gerados por uma criança no mês de junho de 2015.

O projeto acontece no período da manhã, uma vez por semana, com início às 9 horas, em uma ONG de assistência social e educação localizada no bairro periférico da zona oeste da cidade de Marília/SP.

Conta com a participação do professor coordenador, duas graduandas do curso de pedagogia, uma mestrande, uma doutoranda, e quinze crianças com faixa etária entre 6 a 9 anos. A atuação na instituição acontece preferencialmente com três pesquisadores para que cada um seja responsável por um grupo.

Para o desenvolvimento do projeto, as crianças são divididas em três grupos: Pequenos Cientistas, Mirins Modernos e Pequenos Whattivos. A denominação dos grupos foi estabelecida coletivamente, com os participantes. Cada grupo permanece em um ambiente da instituição. Há um *smartphone* que pertence ao pesquisador, mas que pode ser utilizado pelo grupo.

Inicialmente, cada pesquisador permanecia com quatro ou cinco crianças durante uma hora. Verificando-se as dificuldades em permanecer com as crianças e com um *smartphone*, os grupos foram reduzidos para uma ou duas crianças em períodos de aproximadamente trinta minutos.

Nos primeiros encontros ou na presença de um aluno novo, pergunta-se sobre o funcionamento do

aplicativo e em seguida suas principais funções são ensinadas. Inicialmente as conversas eram entre os grupos, posteriormente passaram a ser feitas também com o professor coordenador que se situava em ambientes fora da instituição. Para melhor interação verbal entre os pesquisadores foi criado um grupo no aplicativo denominado *Projeto Núcleo de Ensino*. Nesse grupo os diálogos são estabelecidos e as conversas armazenadas.

Os dados foram gravados em áudio e também foram tirados *print screens* (captura da imagem da tela) do *smartphone*. Com a transcrição, os dados foram analisados de acordo com o objetivo da pesquisa.

Resultados e Discussão

Este trabalho apresenta resultados e discussões dos dados gerados com uma criança, durante as trocas de mensagens pelo *WhatsApp*. Nas primeiras escritas ela escreveu com ajuda do grupo a que pertencia, e posteriormente somente com a ajuda do pesquisador. Cabe ressaltar que no início, os pesquisadores trabalhavam com grupos de quatro ou cinco crianças, mas durante as intervenções verificaram-se algumas dificuldades, uma vez que cada grupo compartilhava apenas um *smartphone*. Diante disso, os grupos foram reduzidos para uma ou duas crianças. Isso possibilitou maior interação com o *smartphone*, com a linguagem escrita e facilitou a intervenção dos pesquisadores.

A seguir serão apresentados trechos dos diálogos gravados e imagens capturadas da tela do *smartphone*, por meio do *print screens*, os quais mostram o processo de construção das mensagens e a interação entre a criança e o pesquisador. Para preservar a identidade do participante será utilizado o nome fictício **Sabrina** para se referir à criança; **PC** para pesquisador coordenador; as letras **P1, P2 e P3** para as pesquisadoras bolsistas; **criança 1, criança 2, criança 3, criança 4 e criança 5** para as demais crianças. Essa decisão causa certos problemas para os pesquisadores, especialmente porque se deseja verificar os ensaios dos alunos com a escrita de seus nomes de acordo com a sua composição gráfica específica. Entretanto, os nomes serão adaptados aos nomes criados, tanto nos diálogos quanto nas imagens. Os números de telefones dos pesquisadores também não serão divulgados.

O diálogo a seguir refere-se ao início da pesquisa e mostra o momento em que Sabrina, com ajuda do grupo *Pequenos Cientistas* inicia a escrita para as crianças dos outros grupos.



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"

Realização:

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"

PROEX
PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

P1- A Sabrina escreveu *tudo bem*. Aí a gente falou quais eram as letrinhas e a Criança 1 arrumou aqui, Oh! Vamos ver o que a Criança 1 escreveu. Como você fez para escrever, Criança 1?

Criança 1- Para eu corrigir as palavras eu fui clicando em cima da letra e fui clicando lá embaixo.

P1- Ah! Aonde ia aparecendo, né?

Criança 1- É

P1- Aqui nessa parte que aparece pronto. E ela escreveu certo, criança 2?

Criança 2- *Tudo bem com o grupo*. Sim.

P1- Criança 3?

Criança 3- Sim

P1- E aí, criança 4?

Criança 4- sim.

P1- Vamos mostrar para a Sabrina. Oh! Sabrina como escreve *tudo bem com o grupo*. Não está faltando mais nada aí? *Tudo bem com o grupo*.

Criança 2- Ponto de interrogação.

P1- Podemos mandar? Então vai.

Esse momento de interação com outras crianças mais experientes propiciou a Sabrina uma experiência única, pela qual ela vai, aos poucos, se apropriando da linguagem escrita e inserindo-se no mundo da cultura escrita digital. Neste contexto, a escrita está repleta de sentido e o uso do dispositivo móvel dá diferentes condições de a criança lidar com a escrita nos ambientes escolares. A linguagem escrita vincula-se à vida, não se reduz a transcrição da oralidade, e se manifesta diante dos olhos, na tela do celular. As ferramentas presentes no dispositivo agilizam o processo de escolher e de decidir quais caracteres da escrita utilizar. Isso pode ser observado quando a criança escolhe palavras prontas sugeridas pelo teclado virtual para construir seu enunciado, sem se preocupar com a inserção de letra por letra para grafar corretamente a palavra. Com o uso do teclado e do mouse a linguagem escrita foi potencializada "em processos aparentemente individuais, mas essencialmente sócio-culturais, que levaram a criança e o homem a tomar decisões, a marcar, a fazer, a desfazer, a refazer, a arriscar-se, e a endereçar o enunciado do discurso para o *Outro*, virtual ou real". (ARENA, 2011, p. 35). E esse *Outro*, na visão bakhtiana é quem orienta todo o processo de construção do enunciado.

Esse *Outro* está presente em todos os momentos durante as trocas de mensagens, apesar das trocas dialógicas não serem inscritas em uma sequência linear, pois são várias crianças e mais o coordenador do projeto trocando mensagens ao mesmo tempo. São elas que orientam a elaboração dos enunciados pelas crianças. O diálogo abaixo evidencia um momento em que Sabrina entra no

WhatsApp após os outros participantes terem iniciado o bate-papo. Para situá-la nos assuntos já abordados, P1 faz um recorte das mensagens para ela.

P1- Oi, Sabrina, hoje você vai escrever sozinha, nós já trocamos tudo isso aqui de mensagens. Vou ler para você o que o pessoal já conversou. O professor iniciou falando *bom dia meninada*. *Bom dia*, P2. *Bom dia*, P1. *Bom dia, Amor de Mãe!* Aqui as meninas do outro grupo deram bom dia. *Bom dia professor como vai?* Discutiram sobre a aula, o porquê não teve aula. O professor falou que está muito frio e que ele gosta de calor. A criança3 falou que não foi para a escola ontem porque teve paralisação. A criança4 falou que ficou aqui jogando bola. O professor perguntou o porquê *da greve* e disse que eles nunca tinham entrado antes. A criança4 começou a falar que ele era bom de bola que queria ser o craque do São Paulo e que jogava no gol. O que você quer dizer para o grupo? O que você quer escrever?

Sabrina- Não sei.

P1- Como você pode começar? Você está começando agora. Você está sozinha no grupo, né?

Sabrina- *Bom dia*.

P1- *Bom dia*. Quem é você? Você pode colocar.

Sabrina- E onde eu escrevo.

P1- Vai aparecer o teclado aqui, oh!

Sabrina- *Bom bom*.

P1- *Bom dia*. Antes de você mandar, a gente corrige, tá bom?

Sabrina- *Bom dia*.

P1- Isso! *Bom dia* é separado. Oh, duas palavrinhas, o *bom* é uma, aí coloca o espaquinho e o *dia* outra. No *bom* não é o *N*.

Sabrina- Não?

P1- Que letrinha pode ser?

Sabrina- *M*?

P1- Isso. Vai lá e arruma. São duas palavrinhas, né? O *bom* e o *dia* então o que a gente vai colocar ali?

Sabrina- Espaço. *Bom dia*.

P1- Isso! Mas traz o *M* para cá e depois dá o espaquinho. Vamos tirar só o ponto daqui. *Bom dia* coloca aqui para saberem que é você. Como você vai escrever a frase para falar que é você?

Sabrina- *Bom dia*.

P1- *Bom dia* de quem? Você pode colocar *bom dia da Sabrina*, não é?

Sabrina- Ahan. *Bom dia eu Sabrina*.

P1- Isso! Pode mandar. Aqui envia na setinha.

Sabrina- *Sabrina*.

Nesse momento de interlocução com P1, Sabrina toma conhecimento das mensagens trocadas, mas



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"

Realização:

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"

PROEX
PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

por ser a primeira vez que assume sozinha a responsabilidade de escrever diz não saber o poderia escrever para se inserir no diálogo. Neste momento o papel da P1 como mediadora foi essencial, pois ofereceu pistas para que Sabrina iniciasse sua escrita. Apesar dos dispositivos móveis oferecerem diversos aplicativos com funções para escrever, a criança não se apropria da linguagem escrita apenas manuseando esse instrumento. Ela necessita das interações, pois a apropriação da linguagem escrita não se dá de forma natural. A criança se "[...] apropria [do] sistema lingüístico, no sentido de que constrói, com os outros, os objetos lingüísticos de que se vai utilizar, na medida em que se constitui a si próprio como locutor e os outros como interlocutores." (FRANCHI, 1987, p. 12 apud Abaurre, 1997, p. 82). O homem não apenas se apropria do sistema lingüístico, mas conforme destaca a autora, ele o constrói na relação com o *outro*. Vigotski (2009) aponta que a comunicação é uma função da linguagem e essa é uma forma de comunicação social, de enunciação e de compreensão. As imagens a seguir destacam as tentativas de escrita da palavra *bom dia*, descrita no diálogo acima. (Figuras 1 e 2).



Figura 1. Primeira escrita de *bom dia* .



Figura 2. Segunda escrita de *bom dia*.

No início da pesquisa, como pode ser observado no primeiro diálogo, Sabrina escreveu com ajuda dos amigos do grupo. Durante a escrita eles soletraram as letras para que ela pudesse marcá-las. No entanto, na escrita individual, faz suas tentativas e busca o auxílio no teclado virtual para fazer suas escolhas. Após sua escolha, P1 a orienta sobre o uso do espaço para separar as palavras *bom* e *dia*. O espaço em branco é considerado por Arena (2015) como algo necessário na construção do discurso. Segundo ele,

Um olhar não muito alfabético dirigido para os teclados percebe que há um conjunto de três fileiras com letras, mas há um número maior de teclas com diferentes sinais considerados não letras, mas necessários para a composição do discurso escrito. Antes do advento do teclado do computador, o da máquina de escrever já portava uma imensa tecla destinada ao intervalo e outras tantas destinadas aos sinais não alfabéticos, do mesmo modo como a tipografia já não contava apenas com as letras, mas com um conjunto de sinais que eram utilizados na manifestação da escrita manuscrita. Os teclados dos *smartphones*, por sua natureza virtual, estenderam ainda mais em suas teclas a exposição dos sinais. (ARENA, 2015, p. 45).

Ao utilizar os dispositivos móveis para escrever, a criança encontra um arsenal de marcas lingüísticas a sua disposição durante a construção de seus enunciados. Conforme destaca Arena, mesmo antes do surgimento do computador já existiam na máquina de escrever diversas teclas não alfabéticas. Apesar dos instrumentos tecnológicos serem disponibilizados nos meios escolares e da criança ter acesso a eles no ambiente familiar, ainda



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"

Realização:

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"

PROEX
PROJETO DE EXTENSÃO CURRICULAR

há uma resistência quanto a sua utilização em sala de aula. De acordo com Arena e Dumbra (2011, p. 49) "A criança desenvolve-se na relação dialógica com os outros homens de sua cultura e com a apropriação de instrumentos criados pelas gerações anteriores".

O diálogo abaixo registra o momento em que P1 lê para Sabrina as mensagens enviadas por PC, dizendo que estava com frio e durante o desenrolar do diálogo é possível perceber que Sabrina insere o espaço e outros sinais, como o til, em seus escritos. A sequência do que foi escrito por Sabrina pode ser observada nas figuras 3 a 5.

P1- *Estou com frio. Você está com frio? Aqui não está tão frio.*

Sabrina- *Cadê o tilzinho daqui?*

P1- *Está vindo as palavrinhas aqui embaixo? Oh, já foi. Não. Não o quê?*

Sabrina- *Não.*

P1- *Não estou com.*

Sabrina- *Não estou. Espaço.*

P1- *Não estou.*

Sabrina- *Com fri ...não estou com frio... não estou com fro... não estou com fri... não estou com fri.*

P1- *Não. Certinho a gente dá o espaço não estão ou estou?*

Sabrina- *Estou.*

P1- *Estou. Então o que a gente precisa melhorar ali na escrita?*

Sabrina- *Tirando o tilzinho?*

P1- *Isso tirando o tilzinho e o A. Não estou é o O e o U e depois o espaço.*

Sabrina- *U?*

P1- *Isso. Espaço.*

Sabrina- *Não estou.*

P1- *Com frio . O frio está vindo que ele já escreveu aqui, oh? Aonde tem frio aqui na escrita dele? Isso! A última. Já apareceu frio então é assim que se escreve frio. Está vindo? Pode apagar. Como que é o frio?*

Sabrina- *Frio*

P1- *Está que o frio é o F- R- I- O?*



Figura 3- Primeira escrita de *não estou Com frio.*



Figura 4- Segunda escrita de *não estou Com frio.*



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"

Realização:

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"

PROEX
PROBACIAO DE EXTENSAO UNIVERSITARIA

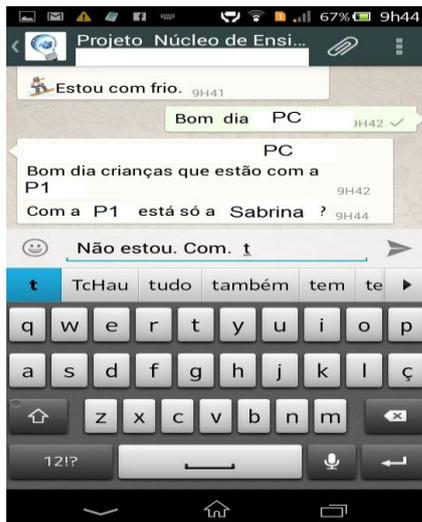


Figura 5- Terceira escrita de *não estou com frio*.

Sabrina vai aos poucos tateando possibilidades, faz uso do espaço, tenta soletrar a palavra *frio* e no final busca o apoio visual dessa palavra e de outras disponibilizadas pelo teclado virtual. Utilizando as diversas ferramentas presentes no *smartphone* e no aplicativo *WhatsApp*, Sabrina se apropria dos atos culturais de escrever e também de ler, pois a todo o momento realiza a leitura de seus escritos e das mensagens recebidas. De acordo com Arena,

"[...] mais que usar as pontas dos dedos para escrever, em vez de três abraçadas ao lápis, as crianças podem perguntar sobre todos os sinais do teclado e sobre todos os sinais na configuração da tela à espera da decisão de um clique de um mouse. Mais que clicar, as crianças podem aprender a escrever para o outro, ver e ler para decidir; podem aprender, apesar dos controles didáticos, a transformar condutas herdadas e, sobretudo, a abusar da modalidade escrita da linguagem. (ARENA, 2011, p. 38).

Utilizar as tecnologias digitais e os aplicativos recentemente criados como meio de apresentar às crianças os atos de ler e escrever amplia o leque de oportunidades para a inserção da criança no mundo digital e no mundo da cultura escrita.

Conclusões

Ao utilizar o aplicativo *WhatsApp* na troca de mensagens, as crianças mergulham no mundo da cultura escrita por meio de enunciados banhados pelas relações humanas no cotidiano da vida. As

escolhas dos enunciados e de todos os sinais gráficos são feitas em situação real de comunicação discursiva. As crianças aprendem a ler e a escrever em situações diferentes das costumeiras: são alterados os instrumentos e os dedos usados para registrar os caracteres; é ampliado o universo de letras para o de caracteres; as trocas de linguagem são instantâneas; o papel do *outro* é trocado a cada enunciado; a escrita se manifesta de modo contundente nas relações humanas. Configuram-se, desta maneira, cenários propícios para a apropriação da linguagem escrita.

Agradecimentos

Agradecimentos à PROGRAD/UNESP - Núcleo de Ensino, pela concessão de auxílio, e à instituição beneficente pela autorização de realização da pesquisa.

ARENA, D. B. Intervalo em branco como signo no processo de apropriação da escrita. In: **Revista brasileira de Estudos pedagógicos** (online), Brasília, v. 96, n. 242, p. 42-60, jan./abr. 2015.

ARENA, A. P. B.; DUMBRA, C. N. P. Comportamento do leitor virtual: a produção de texto em foco. In: LONGHINI, M. D. (Org.). **O uno e o diverso na educação**. 1 ed. Uberlândia: EDUFU, 2011, v. 1, p. 47- 59.

ABAURRE, M. B. M. Uma história Individual. In: ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. **Cenas de aquisição da escrita**: o sujeito e o trabalho com o texto.

Campinas: Associação de leitura do Brasil (ALB): Mercado de Letras, 1997, p. 79-116.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GÓES, M. C. R. de .A criança e a escrita: explorando a dimensão reflexiva do ato de escrever. In: SMOLKA, A. L. GÓES, M. C. R. de. **A linguagem e o outro no espaço escolar**: Vygotsky e a construção do conhecimento. 7.ed. Campinas: Papitus, 2001. p. 99-117.

MOURA, A. Geração Móvel: um ambiente de aprendizagem suportado por tecnologias móveis para a "Geração Polegar" In: DIAS, P.; OSÓRIO, A. J., org. – **Challenges 2009** : actas da Conferência Internacional de TIC na Educação, 6, Braga, Portugal, 2009". Braga : Centro de Competência da Universidade do Minho, 2009. Disponível em:

<<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10056/1/Moura%20%282009%29%20Challenges.pdf>. > Acesso em: 27 jul. 2015.

SHARPLES, M; ARNEDILLO SÁNCHEZ, I; MILRAD, M; VAVOULA, G. Mobile Learning: small devices, big issues. In: BALACHEFF, N.; LUDVIGSEN, S.; JONG, T.; LAZONDER, A.; BARNES, S. (Ed.). **Technology-Enhanced Learning: principles and products**. Netherlands: Springer, 2009. Disponível em: <[http://www.uio.no/studier/emner/matnat/ifi/INF5790/v12/undervisningsmateriale/articles/KAL_Legacy_Mobile_Learning_\(001143v1\).pdf](http://www.uio.no/studier/emner/matnat/ifi/INF5790/v12/undervisningsmateriale/articles/KAL_Legacy_Mobile_Learning_(001143v1).pdf)>. Acesso em: 27 jul. 2015

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.